



Nota sobre novos caminhos epistemológicos para o estudo da Arte Rupestre na Bahia.

Uma possibilidade de diálogo entre o Perspectivismo Ameríndio e a Arte Rupestre

Carlos Costa¹ | Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | CEAACP - Universidade de Coimbra

A Arte Rupestre tem sido um dos temas mais estudados na Arqueologia brasileira. Para esse território, entendo a Arte Rupestre como a expressão física em suportes rochosos, de modo geral fixos em diferentes paisagens, de ideias desenvolvidas em contextos culturais. Essa noção abrange as pinturas e as gravuras identificadas em abrigos, cavernas, grutas e matacões, produzidas por grupos socioculturais de períodos pré-coloniais (ROMANILLO, 1999; SANCHIDRIÁN, 2001). Tal expressão da cultura material é idealizada, planejada e executada tomando como base elaborados esquemas mentais, desenvolvidos nas interações humanas estabelecidas em redes complexas de relações socioculturais.

Desde a década de 60 do século XX, a Arqueologia brasileira tem desenvolvido estudos da Arte Rupestre por meio do modelo de Tradições Arqueológicas. Essa noção traz consigo a necessidade de verificação de três elementos para a leitura da materialidade: a cultura, reconhecida através de características recorrentes nos artefatos de diferentes sítios arqueológicos; o tempo, na medida em que os componentes materiais observados deveriam ser elaborados em períodos determinados; e o espaço, no qual estariam distribuídos os vestígios com características similares, num tempo e espaço específicos (CALDERÓN, 1983 [1967]; LINKE & ISNARDIS, 2008; MARTÍN, 1996; PROUS, 1992). Para a operacionalização desse modelo, foram elaborados vários esquemas de Tradições Arqueológicas cuja flexibilização era admitida pela percepção de fases, subtradições ou horizontes, que corresponderiam a variações dentro das Tradições.

É positivo verificar que as Tradições Arqueológicas, de fato, permitem a percepção de elementos físicos com características comuns, em diferentes sítios, com dispersão espaço temporal específicos. Reconheço a importância desse

modelo para a história da Arqueologia brasileira e as limitações dos contextos históricos nos quais foi elaborado, de forma que não estabeleço críticas a ele, senão ao seu uso indistinto. Quando elaborado, o modelo das Tradições se propunha a ser uma forma de observação preliminar dos contextos arqueológicos, não a explicação desses contextos em si. Apesar de muito operacional para identificação de sítios rupestres, o fato é que o modelo acabou moldando o olhar de diferentes gerações de pesquisadores, que, ao invés de utilizá-lo como forma preliminar de percepção (como era assim idealizado), acabaram subsidiando explicações finais. Como consequência, os dados arqueológicos de diferentes espaços foram alçados a uma homogeneidade impressionante, impensável em contextos socioculturais diversos, amplos e complexos, como os do território brasileiro. No campo hermenêutico, essa prática afastou o fazer arqueológico do seu papel de interpretação das singularidades das culturas (GEERTZ, 1997 [1983]; HODDER, 1988).

Neste momento, tenho desenvolvido um projeto na UFRB, junto o Prof. Luydy Fernandes, com o propósito de estabelecer outras formas de se perceber a Arte Rupestre. Intitulado “Por um caminho para novas epistemologias: diálogo entre o perspectivismo Ameríndio e a Arte Rupestre”, o projeto visa refletir sobre a necessidade de superação da estagnação epistemológica nos estudos da Arte Rupestre no Brasil, em especial na Bahia. Para tanto, aprofundamos reflexões sobre o Perspectivismo Ameríndio, como possibilidade interpretativa de algumas representações rupestres identificadas em sítios da Chapada Diamantina, especialmente da Serra Isabel Dias, no município de Morro do Chapéu, Bahia.

¹ Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

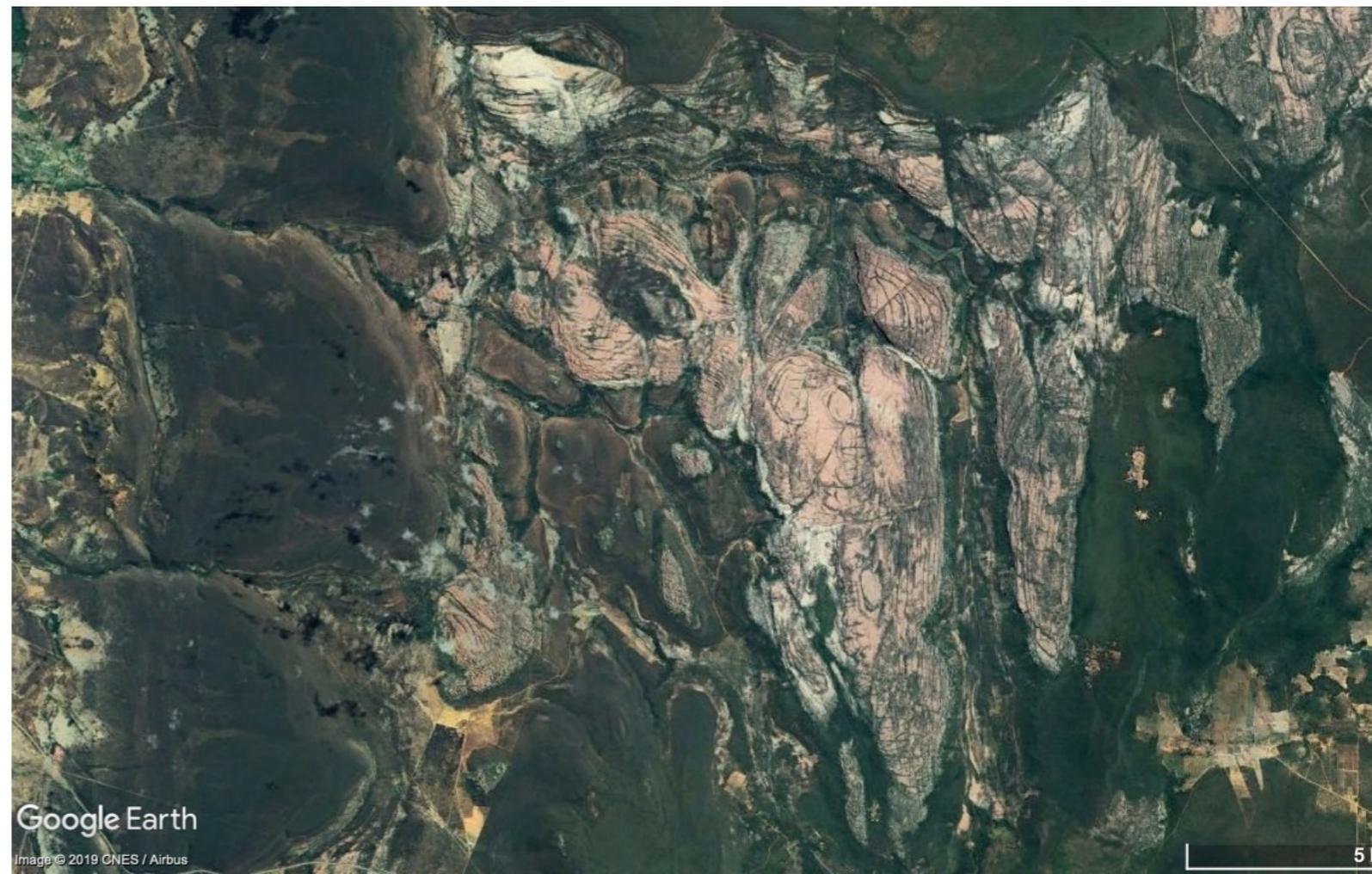


Fig. 1 – Acima, à esquerda, o mapa do Estado da Bahia, com indicação do município de Morro do Chapéu. Acima, à direita, os limites administrativos do município de Morro do Chapéu, com delimitação da área das Serra Isabel Dias e Serra Carnaíbas. Abaixo, a aproximação de delimitação da imagem anteriormente referida; o boqueirão que corta ao centro o maciço rochoso corresponde ao setor onde serão realizados os trabalhos. Fonte: Google Earth, 2019.



Fig. 2 – Visão geral do interior da Serra Isabel Dias.
© Luydy Fernandes, 2019



Fig. 3 – Abrigo rupestre da Serra Isabel Dias. ©
Luydy Fernandes, 2019

O Perspectivismo Ameríndio corresponde a uma concepção de existência, adotada por muitos povos indígenas do continente americano, segundo a qual “o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 115). Essa forma de perceber a existência humana quebra com a distinção “natureza-cultura” estabelecida no pensamento ocidental, na medida em que admite outras formas de humanidade, baseada sempre no ponto de vista de quem as estabelece. Assim, o olhar das demais categorias de animais, distintos da espécie *homo sapiens*, sobre as diferentes coisas lhes confere o status de humanidade. Ou seja, a humanidade está na perspectiva de quem olha, no ponto de vista, e não no fenótipo, conforme rege o pensamento ocidental.

Sei que o Perspectivismo Ameríndio, como forma de compreensão das diferentes culturas, aplica-se às sociedades atuais, às quais os antropólogos têm acesso. Por seu turno, a Arte Rupestre deriva de culturas extintas, sem elo de continuidade histórica com grupos humanos contemporâneos; assim, a única possibilidade de observação desses grupos socioculturais pelos arqueólogos é através da própria cultura material. Por isso, esclareço que a proposição apresentada guarda em si a necessidade de um exercício comparativo cauteloso, para não serem impostas às culturas extintas as cosmovisões de culturas atuais. De outra forma, também sei que essa proposição guarda um implícito determinista: o da existência de formas de percepção do mundo, com longa persistência temporal, comuns entre os grupos ameríndios extintos e os grupos ameríndios atuais, que poderiam ser observadas por meio da materialidade

produzida por esses grupos anacrônicos. Portanto, essa proposição tem limites.

Neste momento, as pesquisas se desenvolvem em duas vias:

- Aprofundar os estudos sobre o Perspectivismo Ameríndio, a partir de trabalhos clássicos sobre o tema, como os de Eduardo Viveiros de Castro (1996, 1998, 2002a, 2002b, 2004, 2005, 2007, 2012a e 2012b), Aparecida Vilaça (1998 e 2005), Carlos Reynoso (2017), Denise Cavalcante Gomes (2012), Ernst Halbmayer (2012), Marcio Goldman (1994), Michael Houseman (et alli, 1994), Oscar Calavia Sáez (2004), Peter Gow (2001), Philippe Descola (2002), Tânia Stolze Lima (1996), Terence Turner (2009), Tim Ingold (1994), dentre outros.
- Fazer levantamento de sítios rupestres, em especial na Serra Isabel Dias, que demonstrem elementos passíveis de analogias coerentes com as teorias relacionadas ao Perspectivismo Ameríndio.

A ideia por trás do projeto não é aplicar diretamente as teorias “perspectivistas” sobre os estudos da Arte Rupestre, mas tentar compreender como alguns aspectos com expressões materiais dessa teoria – observadas nas discussões sobre a noção de corpo, roupas, espírito, metamorfose, sobrenatureza etc. – podem ser percebidos na Arte Rupestre. Ou seja, a tentativa é de uma analogia antropológica-arqueológica. Por essa razão, vislumbro o Perspectivismo Ameríndio como uma alternativa para a superação ou, de outra forma, como uma nova possibilidade interpretativa aos sítios rupestres.



Fig. 4 – Fila de cervídeos, na qual se apresenta representação de cópia em abrigo da Serra Isabel Dias. © Carlos Costa, 2019



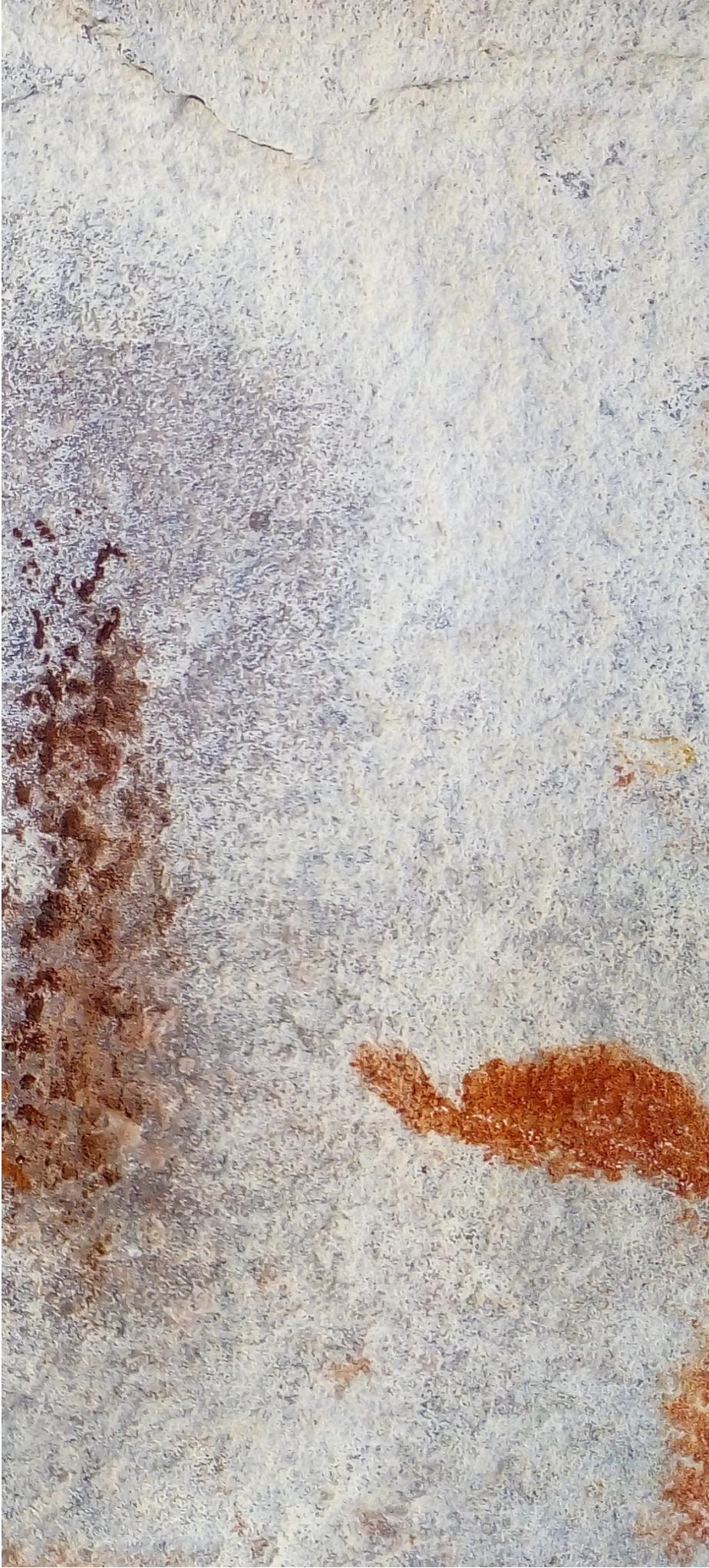


Fig. 5 (dupla página) – Cena de antropomorfos e animais que sugerem metamorfose de humanos e animais na Serra Isabel Dias. © Carlos Costa, 2019.

Páginas seguintes:

Fig. 6 – Painel com sobreposições de abrigo da Serra Isabel Dias. © Luydy Fernandes, 2019.

Fig. 7 – Exemplo de motivos geométricos sobrepostos a cena zoomórfica. © Luydy Fernandes, 2019.





BIBLIOGRAFIA

CALDERÓN, Valentín. Nota previa sobre três fases da arte rupestre no estado da Bahia. In: Estudos de arqueologia e etnologia. Salvador: UFBA, 1983 [1967], p.5-23.

DESCOLA, Philippe. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 93-112, dezembro de 2002

GEERTZ, Clifford. A arte como sistema cultural. In: GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997 [1983].

GOLDMAN, Marcio. Reason and difference: Affectivity, rationality and relativism in the thought of Lévy-Bruhl. Rio de Janeiro: UFRJ / Grypho, 1994.

GOMES, Denise Cavalcante. O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas, v.7, n.1, p. 133-159, 2012.

GOW, Peter. An Amazonian myth and its history. Oxford: Oxford University Press, 2001.

HALBMAYER, Ernst. Debating animism, perspectivism and the construction of ontologies. Indiana, 29, p. 9-23, 2012.

HODDER, Ian. Interpretación en arqueología: corrientes actuales. Barcelona: Ed. Crítica, 1988.

HOUSEMAN, Michael; SEVERI, Carlo. Naven ou le donner à voir: essai d'interprétation de l'action rituelle. Paris: Maison des Sciences de L'Homme / CNRS, 1994.

INGOLD, Tim. "Humanity and Animality". In: INGOLD, Tim (Org.). Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres: Routledge, 1994, p. 14-32.

LINKE, Vanessa; ISNARDIS, Andrei. Concepções estéticas dos conjuntos gráficos da tradição planalto, na região de

diamantina (Brasil Central). In: Revista de Arqueologia, nº 21. Belém: SAB, p. 27-43, 2008.

LIMA, Tânia Stolze. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. Mana, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.21-47, 1996.

MARTÍN, Gabriela. Pré-história do nordeste do Brasil. Recife: EDUFPE, 1996.

PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília, DF: UNB, 1992.

REYNOSO, Carlos. Crítica de la antropología perspectivista (Viveiros de Castro – Philippe Descola – Bruno Latour), 2ª ed. Buenos Aires: Universidad de Buenos de Antropologia, São Paulo, v. 41 n. 1, p. 9-67, 1998.

ROMANILLO, Alfonso Moure. Arqueología del arte prehistórico en la Península Ibérica. Madrid: Editorial Síntesis, 1999.

SÁEZ, Oscar Calavia. Moinhos de vento e varas de queixadas. O perspectivismo e a economia do pensamento. Mana, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 227-256, 2004.

SANCHIDRIÁN, José Luis. Manual de arte prehistórico. Barcelona: Ariel, 2001.

TURNER, Terence. The Crisis of Late Structuralism. Perspectivism and Animism: Rethinking Culture, Nature, Spirit, and Bodiliness. Tipiti, 7 (1), p. 3-42, 2009.

VILAÇA, Aparecida. Fazendo corpos: reflexões sobre morte e canibalismo entre os Wari' à luz do perspectivismo. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 41 n. 1, p. 9-67, 1998.

VILAÇA, Aparecida. Chronically unstable bodies: reflections on amazonian corporalities. Journal Royal Anthropological Institute, v. 11, 445-464, 2005

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. Mana, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.115-144, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Cosmological Deixis and Amerindian Perspectivism. The Journal of the Royal Anthropological Institute, v. 4, n. 3 p. 469-488, 1998.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo: pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. Mana, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p.113-148, 2002a.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002b.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Exchanging Perspectives: the transformation of objects into subjects in Amerindian Ontologies. Common Knowledge, v. 10, n. 3, p. 463-484, 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O perspectivismo ameríndio ou a natureza em pessoa. Ciência e Ambiente, v. 31, p. 123-132, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Filiação intensiva e aliança demoníaca. Novos Estudos, São Paulo, n. 77, p. 91-126, março 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Transformação" na antropologia, transformação da "antropologia". Mana, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p.151-171, 2012a.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Cosmological perspectivism in Amazonia and elsewhere. Cambridge: Hau Masterclass Series, 2012b.

